

A tradição ceramista Tupiguarani na planície costeira central do Rio Grande do Sul, Brasil

Marlon Borges Pestana ¹

RESUMO: Este artigo é um resumo expandido da Dissertação de Mestrado, defendida por nós, em Março de 2007, na Universidade do vale do Rio dos Sinos – Unisinos. A posição geográfica da Planície Costeira Central é dos 30° 15' aos 32° 15' e 50° 15' a 52° 05'. É uma área de formação geológica Quaternária com solo arenoso, vegetação rasteira sobre dunas e matas litorâneas, hidrografia composta de lagoas, laguna e arroios. Os sítios arqueológicos da tradição cerâmica Tupiguarani encontram-se, na sua maioria, erodidos sobre dunas (31), bem como nos “cerritos” (01), sambaquis marinhos (03) e lacustres (04), além dos de campo aberto (09) (Mentz Ribeiro, 1994-1998). Ao estabelecermos um quadro comparativo, obtivemos os seguintes resultados: O material encontrado na planície costeira central assemelha-se nas técnicas de confecção ao material encontrado no restante do Estado do Rio Grande do Sul, o material cerâmico tem como características principais a decoração predominante do corrugado.

PALAVRAS-CHAVE: *Arqueologia; Tradição Tupiguarani; povoamento; planície costeira central.*

ABSTRACT: This paper is an expanded abstract of our dissertation, concluded in March 2007; at the University of Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. The geographical position of the central coastal plain is 30°15' to 32°15'S and 50°15' to 52°05'. It is an area of a Quaternary geological formation with sandy ground, underbrush, coastal forests; hydrography composed by lagoons, lakes and streams. The archaeological sites of the Tupiguarani pottery tradition are located, the most of them, eroded over dunes (31), as well the mounds called “cerritos” (01), marine shell mounds (03) and lagoon shell mounds (04) and open-field sites (09). To establish an

¹ Bacharel em História e Especialista em História do Rio Grande do Sul pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Brasil; Mestre e Doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil. O artigo é um breve informativo da Dissertação de Mestrado defendida no Instituto Anchieta de Pesquisas – IAP/UNISINOS, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz. E-mail: marlonpestana@hotmail.com.

analog framework, the results obtained were: The material found in the central coastal plain is similar in manufacture techniques to the material around the Rio Grande do Sul State. The mainly aspects of pottery are, predominantly, corrugated decoration.

KEY-WORDS: *Archaeology; Tupiguarani tradition; peopling; central coastal plain.*

Aspectos gerais da região

O escudo cristalino sul-rio-grandense é caracterizado por uma plataforma sedimentar e localiza-se entre os municípios de Palmares do Sul e Santa Vitória do Palmar. A cronologia geológica está marcada pelas plataformas originadas no pleistoceno e holoceno de formação recente. A Barreira III, pleistocênica, é constituída de uma camada espessa de quartzo, portanto, arenosa com variação granulométrica de 0,01 a 0,2cm. Sobre esta deposição sedimentar, atualmente, encontram-se dunas móveis ou “vivas”, cuja movimentação se dá pelas torrentes eólicas características da região (Willvock e Tomazelli, 1995, p. 38).

Em meio às dunas de areia, em raras ocasiões ocorrem bolsões e plataformas argilosas. Estas estão no limite com a Barreira IV – holocênica. As plataformas são formadas com espessa concentração de *silt*, tornando a cor do sedimento avermelhada, diferenciando-a de outras áreas ao redor.

A Barreira IV, holocênica, é um agrupamento de sedimentos escorridos e depositados ao longo de milhares de anos (pleistoceno final), no entanto sua composição é homogênea, a composição pedológica indica que o horizonte “A” está relativamente próximo do horizonte “B”, distando apenas 30,0cm de profundidade. O Horizonte “B”, o mais espesso, oscila entre 100,0 a 180,0cm, em outras áreas da mesma região pode ser mais profundo (Willvock e Tomazelli, 1995, p. 41). O lençol freático estende-se por toda a região, torna-se visível por volta de 180,0cm, além das lagoas, lagos e arroios naturais, o lençol é uma das

principais fontes de água potável da região. Os ventos predominantes são o nordeste e sul (Hueck, 1975, p. 118).

A vegetação é composta por gramíneas de diferentes espécies, que formam as vegetações arbustiva ou litorânea costeira, constituída de corticeiras, acácias (exótico), figueiras, araçazeiro, palmas, pitangueiras, e outras entre frutíferas e não frutíferas (Hueck, 1975, p. 140). Estão agrupadas em capões de matos ao longo do limite entre as duas barreiras geológicas². O barranco, onde a vegetação está distribuída possui em média de 3,0 a 5,0m de altura, já foram registrados casos com até 10,0m, nas proximidades de Capivaras em São José do Norte (FIGURA 01).

A fauna está associada a esta vegetação (arbustiva litorânea), composta por pequenos e grandes roedores (preá, capivara, ratão do banhado, rato da macega), tatus, répteis e quelônios, peixes de água doce (traíra, jundiá, cascudo e muçum) e salgada (corvina, miragaia, pegereba, linguado, papaterra, cascuda), além de aves (tahã, maçarico, flamingo, garça, e outras).

Histórico e metodologia da pesquisa

Por se tratar de região inédita, a produção bibliográfica constou com as pesquisas do Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro coordenando pesquisadores do Laboratório de Ensino e Pesquisas em Antropologia e Arqueologia – LEPAN, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Na ocasião (a partir de 1994) foi elaborado um projeto de pesquisa destinado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, para prospectar a área, com o objetivo de levantamento e registro de sítios ocorrentes na região.

² Local onde se encontra a maior parte dos sítios da tradição Tupiguarani.

Campo

Os trabalhos de campo contaram com o apoio das viaturas da Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, cedidas pelo Serviço de Apoio e Manutenção do Campus - SAMC e com motoristas disponíveis. A área foi percorrida sistematicamente, subdividida de seis em seis quilômetros, onde duplas de pesquisadores alternavam-se e no final do trajeto a viatura os recolhia e os posicionavam seis quilômetros à frente da dupla anterior. Os pontos base para alimentação e estadia foram às cidades de São José do Norte (Bojuru), Tavares e Mostardas.

Nos sítios localizados foram realizadas coletas superficiais sistemáticas controladas, os dados recolhidos foram anotados no Diário de Campo, para posteriormente preencher a ficha de cadastro de sítios arqueológicos do IPHAN. Foram batidas fotos com filmes preto e branco, colorido e diapositivo colorido (*slide*). Ainda foram realizados cortes experimentais de 1,0 por 1,0m em sambaqui marinho e cerrito. O sedimento foi todo peneirado em malha de 0,3cm, o material que permanecia na peneira era separado conforme sua matéria-prima e acondicionado em sacos de pano acompanhado de etiqueta identificadora do mesmo.

Laboratório

Ao LEPAN foi cedida autorização para permanecer como fiel depositário do material, sob responsabilidade do Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro. O material arqueológico proveniente das pesquisas foi encaminhado ao LEPAN, onde primeiramente foi registrado e catalogado. A limpeza do material foi efetuada em pias com água corrente, para a cerâmica foram usadas escovas de dente com cerdas macias e o material lítico usou-se escovas com cerdas firmes, os materiais ósseos e conchíferos foram limpos sem o uso da água.

Após a secagem do material, em temperatura ambiente, os mesmos foram encaminhados para as mesas de análise onde receberam uma camada de esmalte (não ácido). A numeração, sobre o esmalte, foi escrita com nanquim preto e branco (dependendo da tonalidade) em uma área discreta da peça. O material significativo foi separado para exposição e fotografia, foram fotografados com filme preto e branco, colorido e diapositivo colorido (*slide*).

A classificação do material arqueológico da tradição ceramista Tupiguarani, realizada nos sítios, seguiu a categorização primária dividindo os mesmos pela matéria-prima. O resultado da classificação foi o seguinte:

Cerâmico: decoração plástica (corrugado, corrugado-ungulado, ungulado, escovado e simples); decoração pintada (linhas geométricas retilíneas vermelhas sobre engobo branco, linhas curvilíneas vermelhas sobre engobo branco, a última associada com pontos pretos ocorre na face interna das vasilhas); técnica associada (vermelho sobre branco na face externa e vermelho na face interna, vermelho e preto sobre branco na face interna e corrugado-ungulado na face externa). Outros dados foram colhidos tais como borda, base, carena, abertura da boca e sua relação com a parede das vasilhas. Além de outros materiais cerâmicos como fragmentos de cachimbos e cachimbos fragmentados, afiador-em-canaleta, base para suporte de vasilha.

Lítico: polido (lâmina de machado fragmentado, fragmento de lâmina de machado, polidor, polidor-alisador, calibrador, afiador-em-canaleta, placa peitoral (adorno), seixo utilizado) e lascado (lascas de calcedônia).

Ósseo: conta-de-colar e pingente (dente), restos faunísticos (alimentação?), pontas-de-projétil.

Conchífero: conta-de-colar e restos faunísticos (alimentação?).

Após a classificação, o material foi analisado onde dados sobre dimensões, coloração e dureza do material foram coletados. Com o processo completo, o material finalmente foi acondicionado em caixas de arquivo morto, carregando consigo a etiqueta identificadora do mesmo.

Gabinete

Com os dados em mãos, o trabalho de gabinete constou com a elaboração de tabelas, gráficos, e redação de projetos, resumos e a arte final do artigo. Recentemente, após a publicação dos resultados, foi redigido um projeto de Mestrado com o objetivo de obter mais informações sobre o sistema de assentamento, ocupação e organização dos sítios arqueológicos Tupiguarani no litoral centro e sua relação com os demais sítios em torno da Laguna dos Patos e Oceano Atlântico. Formam ao todos quase 10 anos de dados recolhidos disponíveis para a redação da Dissertação de Mestrado, sintetizada neste artigo.

A Tradição Tupiguarani no litoral centro

Os portadores da cultura material denominada de tradição Tupiguarani ocuparam a região que hoje conhecemos como Rio Grande do Sul por volta de 1800 AD (FIGURA 02). Espalharam-se por esta região concentrando-se nas margens dos grandes rios, em várzeas e distribuindo-se pela floresta subtropical até alcançar zonas limítrofes e de diferente composição geográfica, como o caso dos campos e pradarias do sul do Estado. No litoral encontraram resquícios da mata Atlântica, já escasseada pelas mudanças termais ocorridas no ótimo climático (ou *alti-termal*). Percorreram o litoral norte e acessaram a região por volta de 1000 A.D, a partir deste período contornaram o que hoje chamamos de Laguna dos Patos, até o principal e único estuário lagunar do Estado, ou seja, Rio Grande.

A distribuição deste grupo, além da planície costeira central, envolve os municípios de Tapes, Camaquã, São Lourenço do Sul, Pelotas e Rio Grande. À medida que se estende o litoral sul os centros de ocupação vão se tornando raros. Os sítios arqueológicos do litoral centro estão distribuídos ao longo do cordão de dunas, entre as barreiras geológicas, na maioria dos casos sobre a plataforma, onde é mais alta e própria para plantação de culturas secas (milho, mandioca, tabaco). Além destas vantagens a plataforma oferece uma visão panorâmica da planície mais baixa, em alguns casos a visualização do Oceano Atlântico e do outro lado da Laguna dos Patos.

Por estar sobre plataforma sedimentar, a maioria dos sítios são erodidos sobre dunas, o processo de erosão é causado pela ação eólica, animal e antrópica. Nas dunas parcialmente erodidas é possível observar a estratigrafia original do sítio, com espessuras que oscilam entre 10,0 a 80,0cm. O material proveniente destas camadas é depositado na base da duna. Em outros casos, em áreas aradas, os sítios são caracterizados por manchas de terra escura, elipsóides e circulares, em média de 10,0 a 15,0m de diâmetro. Em todos os casos encontra-se material cerâmico, lítico, ósseo, conchífero, nessa ordem quantitativa.

Os sepultamentos foram encontrados no exterior das casas, são secundários, ou seja, apenas os crânios foram depositados nas vasilhas cerâmicas (FIGURA 03) e outra vasilha emborcada como tampa. Associado aos sepultamentos encontra-se contas-de-colar e restos faunísticos. Em outros sítios das duas outras tradições (Umbu e Vieira) a cerâmica Tupiguarani apresenta-se como *sobreposição*.

Em um trabalho anterior (Mentz Ribeiro e Pestana, 2003, p. 5), sobre aplicação do método Ford para estabelecer sequências culturais, construíram-se três fases culturais dentro da tradição Tupiguarani, subtradição corrugado, são elas: Capivaras, Capororoca e Bacopará. Na ocasião definiu-se a localização destas três fases no mapa e ainda uma cronologia relativa das mesmas, onde se

constatou que a decoração pintada diminui e o de corrugado-ungulado aumenta nas três fases e a ocorrência do tipo decorativo escovado se torna significativo na fase Capivaras. Os portadores da cultura material da tradição Tupiguarani ocuparam a região ao longo dos séculos XVIII e início do século XIX, na aldeia Nossa Senhora do Estreito estavam assentados índios *Tape* (livro de registros da Diocese de Rio Grande – Cad. 18), logo foram aldeados na localidade do Estreito em São José do Norte (Torres, 2000, p. 45). Ao longo do século XIX são raros os registros de batismos e óbitos para esta região. Portanto, ocuparam a região do século X de nossa era até o contato com o europeu que se deu em 1740, no litoral sul do Rio Grande do Sul.

Brochado (1974, p. 48) elabora um quadro teórico objetivando analisar e compreender o movimento destes grupos, basicamente acompanhando as grandes bacias aquíferas, a tradição Tupiguarani vai encontrar refúgio em regiões florestais. O autor trabalha com o conceito de pequenos movimentos migratórios no sentido ascendente pelo litoral, referindo-se ao fato do Tupiguarani ter saído da Amazônia por volta do nascimento de Cristo, migrado num fluxo descendente até o rio da Prata e então ascendido pelo litoral atlântico. Propomos então uma via sistemática de análise e interpretação para a tradição Tupiguarani na Laguna dos Patos, neste espaço quatro grupos teriam se assentado sobre plataformas argilosas e criado um controle sobre elas no que se refere à captação de matéria-prima. Três destes grupos pertencem a sub-tradição corrugado e assentaram-se na planície central costeira, resultados este obtidos pela análise de sequências culturais (seriação) realizados em estudos anteriores (Mentz Ribeiro *et al.*, 2003). Além destas três fases, Schmitz (1969); Brochado (1974) elaboraram a fase Rio Grande (Camaquã) com área de dispersão do lado ocidental da Laguna, particularmente de Camaquã até o município de Rio Grande.

Foram reconhecidos pela etno-história como *Tape*, *Pato*, *Arachã* (*Arachane*) e *Guarani*. Sabe-se através da Arqueologia que

conquistaram e dominaram outros grupos étnicos como os *Minuano, Charrua, Mboane*. Controlando o território conseguiram se locomover em fluxos micro-migratórios inseridos na planície costeira. Alguns pontos centrais de concentração e ocupação do contingente da tradição Tupiguarani estão em Rio Grande, assentado sobre plataforma argilosa localizada no Barro Vermelho (Povo Novo, 3º Distrito de Rio Grande), sítio arqueológico registrado com o nome do Sr. Pedro Legerman (proprietário do terreno). Deste sítio é possível observar o núcleo da fase Capivaras, ou seja, a outra margem do estuário da Laguna Dos Patos. Pertencentes a fase Rio Grande (Camaquã) descrita por Brochado (1973, p. 10) (FIGURA 04). Provavelmente a tradição Tupiguarani procurava áreas para captação de matéria-prima para produção e confecção de cerâmica, como estas plataformas são relativamente raras, este grupo étnico provavelmente deve ter competido pelas mesmas plataformas entre eles mesmos.

O fato das concentrações maiores estarem próximas (ou em cima) das formações argilosas demonstra que o controle e manutenção da matéria-prima eram essenciais na racionalização dos espaços e mobilidade no sistema de assentamento. Hipoteticamente, deveria existir uma espécie de troca, redistribuição e reciprocidade entre estes grupos, que ao longo dos séculos formaram concentrações ao longo da Laguna dos Patos, protegendo estas plataformas argilosas (afloramentos – final do pleistoceno). Um dos objetivos desta pesquisa é argumentar e provar esta relação, interna à planície costeira central e áreas adjacentes, sob análise tri-ácida e lipídica do material cerâmico e datações sejam elas absolutas ou relativas. Análises anteriores (Mentz Ribeiro e Callipo, 2000, p. 25). Mostraram que categorias diferentes de antiplástico, encontrados em sítios da planície central costeira, foram trazidas da outra margem da lagoa, pois a matéria-prima que compunha encontra-se nas praias de São Lourenço do Sul (grãos de quartzo polidos – 0,08 a 0,1cm, feldspato). A composição da pasta da cerâmica pode demonstrar a origem do sedimento

utilizado, neste caso submetidos à análise química e de solo, propondo, ou não, a troca deste material utilizando-se das rotas e sistema de troca pela Laguna.

Existem indicativos de que na região litorânea o grupo pertencente à tradição Tupiguarani tenha sofrido certa redução demográfica, evidenciado pelas urnas de médio e pequeno porte, pois a população não precisaria de grandes urnas para alimentar um número reduzido de pessoas (Mentz Ribeiro, 2000, p. 5). Os locais de assentamento são dessemelhantes aos da floresta tropical ou subtropical, mesmo acompanhando os resquícios de floresta, o Tupiguarani estava se aproximando cada vez mais em áreas de campo aberto onde não se encontram vestígios dos mesmos.

Listagem de sítios associados à tradição Tupiguarani na região			
RS-LC	Nome do Sítio	Localidade	Nº de Catálogo
01	Nossa Senhora da Conceição do Estreito	Estreito	204 a 208; 218 a 223.
05	Mario Boeira Martins	Mostardas (Bacopari)	213
07	Capivaras III	São José do Norte	215;
09	Manoel Mariano Machado	Capão Comprido Tavares	217 a 224;
10	Farol do Cristóvão Pereira	Mostardas	228;
11	Chico Bóis "A"	Pontal do Cristóvão Pereira Mostardas	229 SL- 1 (Sambaqui Lacustre)
12	Chico Bóis "B"	Pontal do Cristóvão Pereira Mostardas	230;
14	Capão da Marca "A"	Tavares	(corte) 232 SL - 3 (Sambaqui Lacustre)

A tradição ceramista Tupiguarani na planície costeira central do Rio Grande do Sul, Brasil

18	José Rosa da Silva	Tavares	237;
19	Campo da Honra "A"	Tavares	238 SL - 7 (Sambaqui Lacustre)
20	Campo da Honra "B"	Tavares	239 SL - 8 (Sambaqui Lacustre)
24	Sermi Machado Miguel	Curral Velho - São José do Norte	249;
26	Romeu Antônio da Costa	Curral Velho - São José do Norte	251;
27	Dilmo Martins - José Érico Weber	Capão da Areia - São José do Norte	252;
28	Dilmo Martins	Capão da Areia - São José do Norte	254;
29	Antenor Paiva	Capivaras - São José do Norte	86 - 87 - 88 – 89;
30	Areias Gordas "A"	Capivaras	24;
31	Barranco "A"	Bojuru – São José do Norte	- 258 SM – 2;
32	Barranco "B"	Bojuru – São José do Norte	259;
33	Barranco "C"	Bojuru – São José do Norte	260;
34	Barranco "D"	Bojuru – São José do Norte	261;
35	Barranco "E"	Bojuru – São José do Norte	262;
36	Barranco "F"	Bojuru – São José do Norte	263;
37	Bojuru Velho "A"	Bojuru – São José do Norte	274;
38	Bojuru Velho "B"	Bojuru – São José do Norte	275;

40	Passinho II	Passinho - São José do Norte	303 - 304;
41	Passinho III	Passinho - São José do Norte	305;
43	Ildefonso Braga "A"	Mostardas	310;
44	Ildefonso Braga "B"	Mostardas	311;
45	Lino Azevedo Pires de Lima - "A" - "B"	Tavares	312 -313;
49	Bacopari I	Bacopari – Mostardas	317;
51	João Emilio V. Souza	Aguapé – Mostardas	405 CE (Cerrito) – 7;
52	Carambola	Lagoa do Peixe – Mostardas	406;
53	PARNA I	Lagoa do Peixe – Mostardas	407;
54	PARNA II - ("A"- "B"- "C"- "D"- "E"- "F")	Mostardas	408 a 413;
55	A. Adolfo de Araújo ("A"- "B"- "C"- "D")	Mostardas	415 a 417 – 426;
56	Estevaldino Luís Rodrigues ("A"- "B"- "C"- "D"- "E")	Tavares	418 a 422;
57	Sidnei da Silva Machado	Tavares	423;
58	Levi Farias dos Santos	Tavares	424;
59	Sambaqui Capão da Areia	São José do Norte	(corte) 425 SM-3;
61	PARNA III	Lagoa do Peixe - Mostardas	427;
60	Capororoca II	Capororoca - Tavares	461;
62	Capororoca I	Capororoca -	462;

A tradição ceramista Tupiguarani na planície costeira central do Rio Grande do Sul, Brasil

		Tavares	
63	PARNA IV	Lagoa do Peixe – Tavares	463;
64	Estevaldino Luís Rodrigues II ("A"- "B"- "C"- "D")	Tavares	464 - 467- 468 – 470;
65	Napoleão Araújo Brum	Capão Comprido – Tavares	465;
66	PARNA V	Lagoa do Peixe – Tavares	469;
67	PARNA VI	Lagoa do Peixe – Tavares	471;

Comparando os sítios arqueológicos

No ano de 2002, no mês de setembro, foi realizado o I Seminário Internacional de Estudos do Método Quantitativo Para Estabelecimento de Sequências Culturais em Arqueologia, no Núcleo Tocantinense de Arqueologia da Fundação Universidade do Tocantins. No seminário foram debatidas as aplicações do “Método Ford”, sua função na pesquisa arqueológica e, por fim, suas perspectivas teóricas. Naquele momento, foi acordado que cada participante do evento utilizaria o método em seus respectivos projetos, pois estes seriam publicados posteriormente. Na ocasião, Mentz Ribeiro apresentou um texto no qual discute a seriação feita com os dados da pesquisa realizada na planície costeira central do Rio Grande do Sul, texto que permanece inédito (Mentz Ribeiro, 2002). Tendo revisado as seriações apresentadas por ele, nos definimos por sua aceitação e das denominações com que as identificou e no presente capítulo, usamos umas e outras confiadamente. Os estudos da seriação da cerâmica da tradição

Tupiguarani com os dados recolhidos na planície costeira central começaram a partir de 2001³.

Os trabalhos nesta área foram coordenados pelo Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro, auxiliado por bolsistas. Nos 64 sítios estudados na área, foram conseguidas apenas 25 amostras de cerâmica Tupiguarani que continham mais de 100 fragmentos cada uma, quantidade necessária para o estudo de seriação. Todas estas amostras pertencem a contextos Tupiguarani de sítios erodidos sobre dunas. Essas 25 amostras não incluem, pois, material proveniente de sítios históricos, híbridos e da maioria dos sítios reocupados, mesmo quando tinham alguma cerâmica Tupiguarani.

Os tipos decorativos foram os critérios usados para a quantificação. Foram separados em 06 tipos de decoração e um simples, assim distribuídos: simples, corrugado, corrugado-ungulado, ungulado, escovado, engobe, pintado e inclassificável. A porcentagem dos inclassificáveis é relativamente significativa, pois o processo erosivo litorâneo dificulta a identificação da decoração plástica e pintada. Utilizou-se a decoração como referência, por dois motivos: as formas dos vasos não variaram intensamente devido à relativa pouca quantidade de bordas confiáveis para um desenho técnico e os antiplásticos eram, na maioria dos casos, homogêneos entre si, compostos de areia fina misturada com variados tipos de temperos. Por isso, a decoração foi o recurso usado para serem percebidas as tendências dos tipos decorativos.

Foram calculadas as porcentagens de cada tipo decorativo nas 25 amostras selecionadas. As porcentagens foram repassadas para folhas de papel milimetrado, em barras horizontais com indicação do número do sítio e do número de catálogo. As barras foram organizadas pelas semelhanças das porcentagens de cada um dos tipos, para formarem sequências contínuas crescentes e/ou decrescentes, em gráficos como serão apresentados abaixo. Não foi

³ As ilustrações ausentes neste artigo, tais como os gráficos dos deslocamentos migratórios, fotos, desenhos, tabelas, demais mapas, encontram-se integralmente na Dissertação.

possível interdigitar todas as amostras em uma série única, resultando três gráficos de porcentagens, que representam séries, denominadas de Capororoca, Capivaras e Bacopari, nomes correspondentes a topônimos da planície costeira central.

A Série Capororoca

A série Capororoca é composta por 08 (oito) sítios, descritos no Capítulo III. São eles: RS-LC-18: José Rosa da Silva, RS-LC-64: Estevaldino Luis Rodrigues II, RS-LC-56: Estevaldino Luis Rodrigues I, RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-58: Levi Farias dos Santos, RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, RS-LC-27: Dilmo Martins & José Érico Weber. Destes, foram descritos como aldeias: 64, 56, 55, 54; como sítios isolados puros, os demais. Nesta série não existe nenhum sítio reocupado ou híbrido. Observando a distribuição dos sítios no espaço, percebe-se que estão concentrados na margem ocidental da Lagoa do Peixe e em sua proximidade, em uma área com extensão de 75,0 km.

A organização das amostras no gráfico se baseia no fato de que, normalmente, nas seriações organizadas em diversas áreas do Estado, o corrugado-ungulado cresce nos períodos mais recentes da ocupação Tupiguarani (Schmitz, 1985, p. 48).

A seqüência serial, assim organizada, mostra um decréscimo regular do tipo simples, um crescimento regular seguido de decréscimo regular do tipo corrugado e crescimento regular do tipo corrugado-ungulado. Os demais tipos de decoração não apresentam tendências diagnósticas.

No gráfico se observa que amostras atribuídas a manchas diferentes de uma mesma aldeia podem apresentar posições mais ou menos diferenciadas na seriação, por exemplo, as amostras do sítio RS-LC-64 e RS-LC-56 aparecem em duas posições no gráfico.

O gráfico pode ser interpretado de duas maneiras: na suposição de que se tratasse de uma só aldeia (gráfico presente no texto original), que se movimenta no espaço, teríamos a oscilação

entre uma área central na margem da lagoa e duas ocupações em sua periferia; a outra interpretação é de que se tratasse de mais de uma aldeia, como descritas no Capítulo III, com ocupações satélites.

A Série Capivaras

A série Capivaras é representada pelos sítios: RS-LC-26: Romeu Antônio da Costa, RS-LC-66: Parna V, RS-LC-44: Ildefonso Braga "B", RS-LC-45: Lino Azevedo Pires de Lima, RS-LC-67: Parna VI, RS-LC-56: Estevaldino Luís Rodrigues I, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-38: Bojuru Velho "B", RS-LC-31: Barranco "A". Destes, foram descritos como aldeias: 56, 54 e 38, sendo que os dois primeiros também aparecem na série anterior; como sítios isolados puros, os demais. Os sítios estendem-se por uma área de aproximadamente 90,0 km de extensão.

A seriação foi construída sobre o mesmo princípio da série anterior, isto é, o crescimento do corrugado-ungulado. As tendências gerais então são as mesmas, mas com porcentagens diferentes, que não permitem a interdigitação. Aparecem tendências definidas: o simples decresce regularmente, o corrugado-ungulado cresce regularmente, o ungulado decresce e o pintado cresce.

Esta série pode representar a continuidade da série anterior, ocupando então áreas mais periféricas, não ocupadas. A observação das mesmas tendências, o crescimento maior do corrugado-ungulado e a ocupação das áreas periféricas sugerem que se trata de um desdobramento populacional, a partir da primeira.

A seriação pode, da mesma forma que a sequência anterior, ser interpretada de duas maneiras: na suposição de que a série represente uma só aldeia (gráfico presente no original) que se movimenta no espaço, ela circularia na periferia não ou pouco ocupada, de um extremo da mata de restinga ao outro, partindo de uma ocupação mais ao sul (RS-LC-26) e indo para o norte além da

Lagoa do Peixe; seus últimos sítios (RS-LC-54 e 38) estão nas extremidades da mata, tanto ao norte como no sul e na beira da praia (RS-LC-31), onde foram explorados recursos marinhos. A outra suposição é de que poderia ter havido mais do que um desdobramento, um no norte e outro no sul da área, com uma movimentação menor dentro de cada área.

A Série Bacopari

A série Bacopari é formada por quatro sítios: RS-LC-05: Mário Boeira Martins, RS-LC-54: Parna II, RS-LC-37: Bojuru Velho "A" e RS-LC-55: A. Adolfo de Araújo. Em nosso capítulo sobre os sítios, o primeiro tinha sido classificado como híbrido, os três últimos como aldeias. Os sítios da série Bacopari ocupam áreas periféricas, ao norte e ao sul, das séries anteriores.

O gráfico representativo desta série é formado por oito colunas, cada uma representando uma decoração. O gráfico foi construído sobre a observação de que o corrugado-ungulado cresce regularmente e o ungulado decresce. Os outros tipos não apresentam tendências claramente definidas.

O gráfico se distingue dos dois anteriores pela forte presença do tipo corrugado, não permitindo nenhuma interdigitação com as outras séries. Excluindo o sítio RS-LC-05, observamos tendências definidas no tipo simples e corrugado-ungulado, que crescem e no corrugado, ungulado e pintado/engobado, que decrescem.

Para a interpretação do gráfico, temos duas suposições: uma só aldeia que se movimenta no espaço, ocupando as duas extremidades da área de povoamento; a outra é de que seria de uma aldeia que se movimenta no norte e outra aldeia no sul.

A pergunta que fica, devido à diferença dessa série com relação às duas anteriores, é se temos condições de pleitear seu surgimento a partir da série anterior ou se precisamos pensar numa população que vem de fora da área. A primeira alternativa seria

mais econômica, mas a segunda também é difícil de excluir, pensando que poderia ter havido uma migração do norte (a partir do sítio RS-LC-05) para o sul, ao longo da mata de restinga.

As séries Capororoca, Capivaras e Bacopari representam o núcleo principal da ocupação Tupiguarani, localizada em terrenos altos e secos, com mata de restinga, na margem ocidental do cordão de lagoas litorâneas, onde se destaca a longa Lagoa do Peixe. Este espaço é limitado por áreas pantanosas, campos e dunas ativas do litoral atlântico, ambientes que foram ocupados por populações caçadoras e coletoras pré-cerâmicas e pelos ceramistas da Tradição Vieira. Eventualmente o grupo Tupiguarani acampou em cima destes sítios, quando abandonados (sítios reocupados) ou ainda ocupados, fazendo contatos com estas populações (sítios híbridos).

As séries representam momentos sucessivos de ocupação da área pelos grupos Tupiguarani, mas a relação entre eles é desconhecida, como também não aparece nenhum indicador do tempo em que esse povoamento foi realizado. Mentz Ribeiro (2003) fala de que estes povoamentos teriam ocorrido em um período recente, posterior a 1.100 d.C.

As séries não abrangem todos os assentamentos dessa população, porque alguns não tinham elementos suficientes para este exercício estatístico. Assim, não são abrangidos os sítios históricos, os híbridos e a maioria dos reocupados.

Nas três séries as amostras representam concentrações que, umas vezes, foram descritas como sítios isolados puros e outras vezes como aldeias. Neste último caso, provavelmente a impressão de que um conjunto próximo de concentrações teriam sido casas de uma mesma aldeia pode ser ilusória e o conjunto representaria, então, reocupações de um mesmo espaço, por oferecer maior quantidade de recursos ou vantagens estratégicas. É o caso dos sítios RS-LC-54, 55, 56 e 64.

A paisagem da área apresentava parcialmente as características ambientais buscadas pela Tradição Tupiguarani:

havia florestas de restinga relativamente grandes, solos passíveis de cultivos e uma grande lagoa com ligação com o mar.

Este povoamento apresenta semelhanças e diferenças com ocupações Tupiguarani do interior.

Este espaço delimitado e isolado entre o Oceano, a Lagoa dos Patos e grandes banhados, talvez seja uma oportunidade única para demonstrar como seria um *tekohá*, isto é, quais são os tipos de instalações, como elas se distribuem no espaço para aproveitamento dos recursos disponíveis, como a sociedade se organiza no espaço, como as aldeias se desdobram em novos assentamentos, buscando o aproveitamento de bens anteriormente não incorporados e como o grupo se relaciona com as populações vizinhas, ocupantes dos espaços que delimitam seu território. Para completar o quadro nos faltam datas que ajudem a relacionar as sequências estatísticas organizadas a partir da tipologia cerâmica e que serviriam para dar tanto o começo da ocupação, quanto a eventual sucessão das populações.

O Povoamento pré-Colonial da área

A partir das informações sobre as diferentes culturas presentes na área em estudo, é possível distinguir três áreas, com relação à sua ocupação: uma área meridional (Área I), uma central (Área II) e uma setentrional (Área III).

Área I: Estende-se na primeira área, mais meridional, um grande ambiente de campos planos e baixos. A vegetação típica nessa área é constituída por gramíneas e pequenos arbustos. Entre as altas dunas que se distribuem nas proximidades do estuário lagunar são encontradas com frequência concentrações de cerâmica da tradição Vieira em sítios erodidos. Na porção superior desta área predominam as estreitas faixas de terra, sem matas ou banhados, entre o mar e a lagoa, onde predominam os principais centros luso-coloniais: Aldeia Nossa Senhora do Estreito, Estância Real do Bojuru e Forte São Caetano.

Contíguas às mesmas áreas, ao sul, situam-se grandes banhados e macegais que, por vezes, são margeados por cerritos. Na margem oposta do estuário foram identificados inúmeros sítios da tradição Vieira (Schmitz, 1976), predominantes naquela região. A região é característica por apresentar estreitas faixas de terra agriculturável e amplas áreas para atividades de pesca.

A primeira ocupação meridional estende-se entre o pontal da Barra do município de São José do Norte, a partir da região do Cocuruto, em um sítio sobre dunas da tradição Vieira, passando pelas localidades de Areias Gordas, Capivaras, Retiro, Passinhos, Estreito até a Vila de Bojuru. Nesta porção de terra, os sítios arqueológicos registrados apresentam invariavelmente contato cultural entre si. As características físicas e ambientais são mistas, a cerâmica e os sítios apresentam características híbridas, mescladas e misturadas. O material lítico pode ser identificado em contextos da tradição Umbu, Vieira e Tupiguarani.

Os ocupantes da aldeia do Barro Vermelho (RS-LS-46: José Pedro Lagermann) no município de Rio Grande, efetuaram deslocamentos e, provavelmente, atravessaram o canal de Rio Grande – São José do Norte, na direção de Areias Gordas, pois a região é de fácil visualização a partir do Barro Vermelho. Por este motivo as pequenas concentrações de material Tupiguarani estão frequentemente presentes em sítios da tradição Vieira. Poderia se dizer que a ocupação Tupiguarani da península de Areias Gordas e pontal da Barra se fizeram do sul para o norte.

Área II: A segunda área, mais ao centro da planície costeira central, é referente ao núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani. A paisagem é caracterizada pela ausência de banhados e charcos, pouca extensão de campo, e uma mata de restinga que nasce sobre as dunas, nas bordas da Lagoa dos Patos e estende-se até a Lagoa do Peixe onde se torna mais densa. É preferencialmente uma área de escolha da tradição Tupiguarani por existirem estratos de terra fértil para a plantação, expandidas matas de restinga e abundância de água. A Lagoa do Peixe fornecia, através de seu rico

bioma, alimentos, áreas de caça, de pesca e coleta. A forma estreita, comprida e alongada da Lagoa do Peixe, semelhante a um rio, auxiliava o transporte dos grupos, especialmente para as áreas de plantio, facilitando a locomoção.

O núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani estende-se a partir da Vila de Bojuru, território do município de Tavares até aproximadamente o limite norte do município de Mostardas. Neste território encontraram pouca concorrência étnica e um ambiente que sustentaria núcleos densos de população propiciando, através da horticultura, condições para uma relativa fixação. O grupo étnico portador da tradição Tupiguarani estabelecia relações de territorialidade entre as etnias que ocupavam aquele espaço, realizando periodicamente deslocamentos. Os deslocamentos serviriam para permitir a renovação do ambiente esgotado pelo plantio e pela caça além de renovar os laços com outros grupos da tradição Tupiguarani que ocupavam os arredores do núcleo de povoamento. As reocupações indicam uma exploração sistemática do ambiente, de acordo com a regeneração e épocas do ano, permitindo que outros subgrupos da mesma tradição ocupem e se revezem por lugares privilegiados. A Lagoa do Peixe, mais rasa, é inundada na primavera e verão com larvas de crustáceos e moluscos, bem como peixes de raso e de marés quentes. Os peixes são abundantes facilitando a pesca e captura que pode ser realizada com fisga, rede, armadilha e linha. Os ocupantes do núcleo de povoamento das proximidades da Lagoa do Peixe observaram o fenômeno, explorando a variedade de peixes que entravam com a salinização da água da lagoa.

Estando concentrado no ecossistema da Lagoa do Peixe, o núcleo de povoamento da tradição Tupiguarani, sofria pouca concorrência étnica, ao contrário das áreas híbridas I e III, que foram ocupadas preferencialmente pelas tradições que chegaram anteriormente, a Umbu e Vieira. A concentração da tradição Tupiguarani num ambiente propício para a instalação das aldeias provavelmente gerou o abandono dos outros grupos da tradição

Vieira (Mentz Ribeiro e Calippo, 2004, p. 38), incapaz de concorrer com a territorialidade da tradição Tupiguarani. A segunda área foi identificada como um espaço onde proliferaram os sítios isolados, as aldeias e as reocupações da tradição Tupiguarani. Pouco ou quase nenhum elemento significativo da tradição Vieira é associado aos sítios.

Os sítios da região são abundantes em material cerâmico e escassos em material lítico devido à falta de ambientes para captação de recursos nas proximidades. São comuns os afiadores-em-canaleta sobre fragmentos reutilizados de cerâmica e, nas aldeias, aparecem em arenito raramente associados a mós e almofarizes. Houve maior ocorrência de lâminas de machado no interior do núcleo de povoamento. As únicas concentrações com blocos testemunhos, que apresentavam algum resto de alimentação, estavam nas proximidades das aldeias ou nas próprias.

A diversidade ambiental provavelmente proporcionava recursos de diferentes espécies, possibilitando a exploração de dois ou mais ecossistemas.

Área III: A terceira área, mais ao norte da restinga da Lagoa dos Patos, estende-se do limite norte de Mostardas, a partir das localidades de São Simão, Mina e Casca até o município de Palmares do Sul.

O ambiente deste espaço é caracterizado pelo fim das extensas matas de restinga da Área II e começo de intrincados banhados, em cujas bordas foram identificados cerritos da tradição Vieira. Observa-se uma proliferação dos campos abertos cobertos de gramíneas e pequenos arbustos, onde destacam-se os sítios da tradição Umbu, junto a pequenas lagoas.

O sítio Tupiguarani mais setentrional, relacionado a esta área, é o RS-LC-05: Mário Boeira Martins, com significativa quantidade de cerâmica da tradição Vieira. A paisagem é diferente daquela que ocorre no núcleo de povoamento.

O ambiente passa a ser característico daquele preferencial da tradição Vieira, impedindo a ocupação da tradição Tupiguarani

nos campos abertos, o que resultou em incursões mal sucedidas nas áreas de banhado, reocupando esporadicamente os cerritos.

Os portadores da tradição Tupiguarani reocuparam o cerrito RS-LC-51: João Emílio V. de Souza, onde foram encontrados fragmentos de cerâmica Tupiguarani, bem como uma mancha de terra escura nas proximidades. Faltaram os fragmentos de cerâmica híbrida para observar se houve ou não contato.

O maior número de cerritos foi identificado na área III, indicando uma ocupação efetiva daquele território. A ocupação das áreas híbridas I e III por grupos da tradição Vieira, juntamente com o ambiente desfavorável para a tradição Tupiguarani, impediu o avanço destes últimos grupos para as extremidades da planície costeira central.

O comportamento de interação cultural foi observado em espaços distintos na porção central da planície litorânea e são mais evidentes na área I e III. As áreas com indícios de interação cultural, que segundo Rogge (2005) seriam zonas de fronteira, espaços que proporcionaram a interação cultural entre grupos portadores das tradições cerâmicas Tupi, Vieira e Taquara, na planície costeira central, foram caracterizadas como zonas híbridas ou espaços de formação mestiça. As zonas de fronteira, incluindo os fenômenos observados por Rogge ocorrem com mais frequência nas extremidades sul e norte do núcleo de povoamento da planície costeira central que está ao redor da Lagoa do Peixe, onde ocorre o maior número de sítios “mistos” ou híbridos. Observou-se também a predisposição à territorialidade dos grupos, povoando espaços com características ambientais distintas, que representam a preferência e escolha do grupo, ocasionando, contudo incursões de ambas as tradições Tupiguarani e Vieira, em áreas contíguas àquelas do núcleo de povoamento.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Pedro Augusto Mentz Ribeiro (*In Memoriam*); ao Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz; ao Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge e aos meus pais: Oilsomar Wailla Pestana e Mariza Borges Pestana pelo amor e compreensão e que, juntamente com a CAPES, patrocinaram a pesquisa.

Figuras

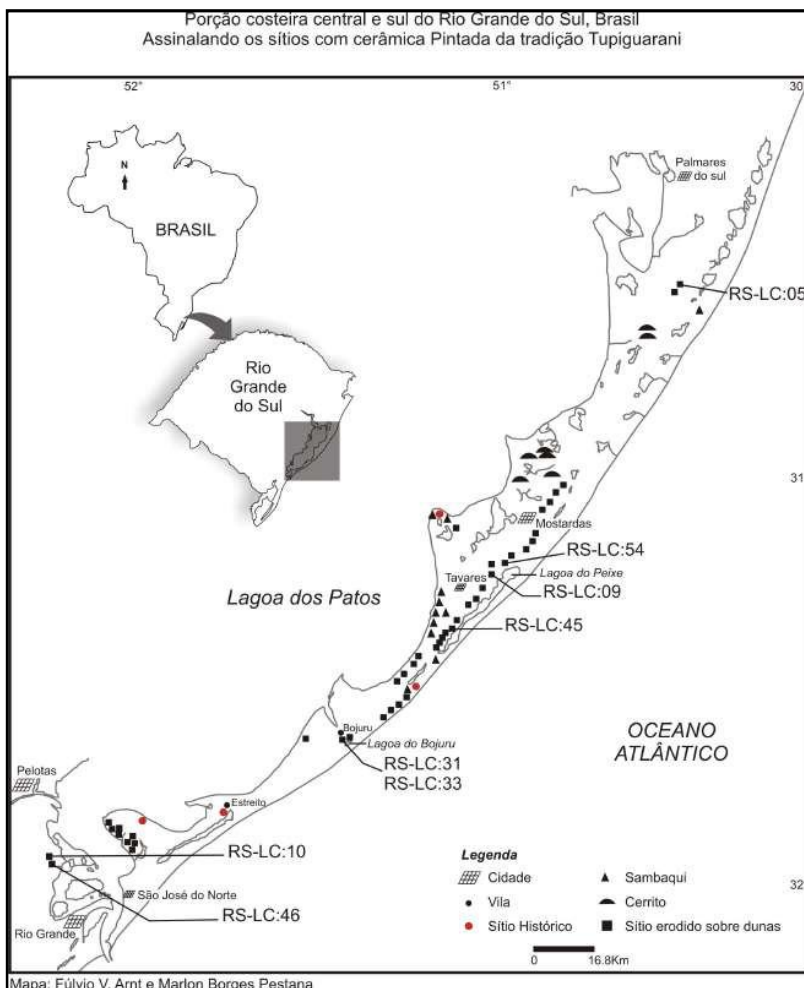


Figura 01

Mapa indicando a localização dos sítios arqueológicos na Planície Central Costeira.

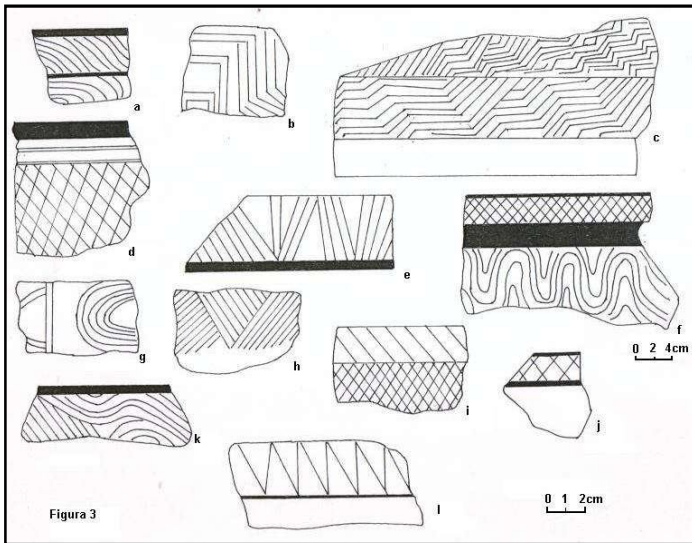


Figura 02

Cerâmica pintada Tupiguarani em sites da planície costeira do Rio Grande do Sul.

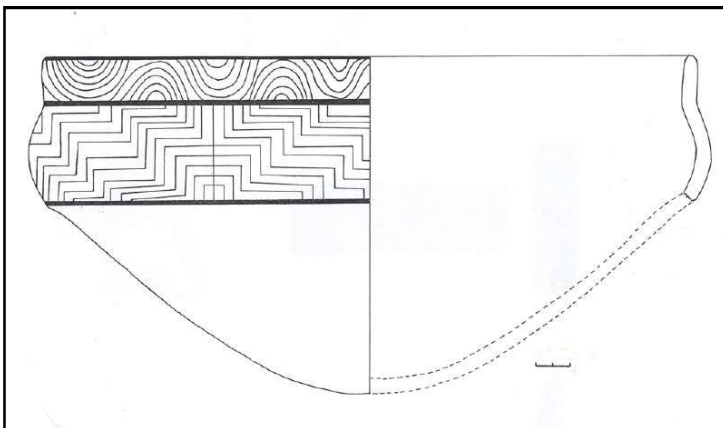


Figura 03

Reconstituição de típica vasilha pintada associada à tradição Tupiguarani na planície central costeira do Rio Grande do Sul.

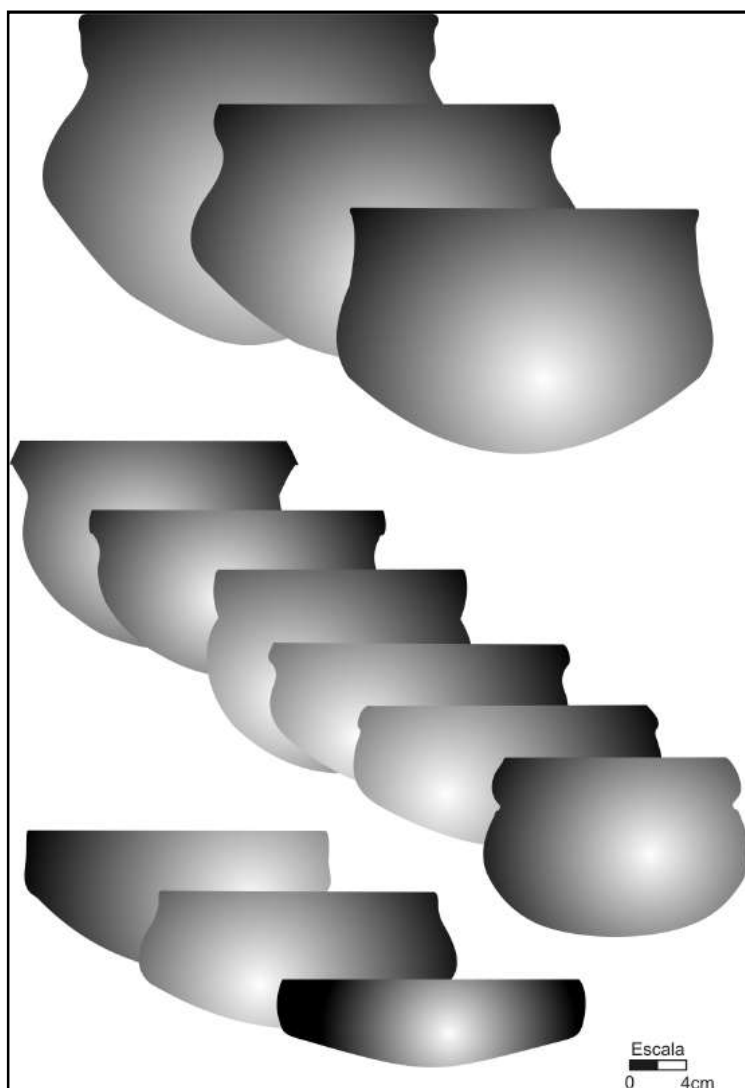


Figura 04

Formas de algumas vasilhas reconstituídas através de vasilhas fragmentadas.

Bibliografia

- BROCHADO, José Joaquim J. Proenza. Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguaraní. *Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguaraní*. Relaciones; Publicação n. 5, Porto Alegre; Universidade federal do Rio Grande do Sul, 1973.
- BROCHADO, José Joaquim J. Proenza. Pesquisas arqueológicas no escudo cristalino do Rio Grande do Sul (Serra do Sudeste). Belém, Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, 26: 25-52, 1974.
- BROCHADO, José Joaquim J. Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. Urbana, U.S.A: University of Illinois, 1984, 574p. (Tese de Doutorado).
- HUECK, Kurt. Carta da vegetação da América do Sul. São Paulo, Instituto de Geografia, Universidade Federal de São Paulo, 1975.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; CALIPPO, Flávio R. Arqueologia e História Pré-colonial. In: TAGLIANI, Paulo Roberto A; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; TORRES, Luis Henrique; ALVES, Francisco das Neves. *Arqueologia, História e Socioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos: uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*. Rio Grande; Editora da FURG, 2000. pp. 13-40
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; PESTANA, Marlon B. A cerâmica pintada Tupiguarani no litoral centro e sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Rio Grande; (ms), 2003.
- MORENO, José Alberto. Clima do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, 1961.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1976. 231p. (Tese de Livre Docência).
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. In: KERN, Arno A. (Org.) *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do sul*; Mercado Abero, 1991.

- SCHMITZ, Pedro Ignácio; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; NAUE, Guilherme; BASILE BECKER, Ítala Irene. Prospecções arqueológicas no vale do Camaquã, RS. In: *Estudos de Pré-história Geral e Brasileira*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Pré-História, 1969.
- SCHMITZ, P. I. "Territórios de Domínio" em Grupos Tupiguarani: considerações sobre o Médio e Alto Jacuí, RS. In: Boletim do Marsul, n. 3, Taquara: Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, 1985. pp. 45-52.
- TORRES, Luis Henrique. Da Colônia ao Império: um panorama histórico da região. In: TAGLIANI, Paulo Roberto A; MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto; TORRES, Luis Henrique; ALVES, Francisco das Neves. *Arqueologia, História e Sócioeconomia da Restinga da Lagoa dos Patos: uma contribuição para o conhecimento e manejo da reserva da biosfera*. Rio Grande; Editora da FURG, 2000. pp. 41-63.
- WILLVOCK, Jorge Alberto; TOMAZELLI, Luiz José. Geologia Costeira do Rio Grande do Sul, Notas Técnicas, Porto Alegre, CEGA/IG/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 8: 1-45, 1995.

Recebido em: 25/07/2011

Aprovado em: 28/10/2011

Publicado em: 06/12/2011